

25 JUN 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

# Reservas podem cair no segundo semestre

Credores não liberam empréstimos e, só em setembro, pagamentos somam US\$ 3 bilhões

SUELY CALDAS

RIO — O Brasil vai remeter este ano para o exterior US\$ 18,4 bilhões (6% de seu Produto Interno Bruto — PIB) sem nada receber em troca, por conta de pagamentos de juros a banqueiros, remessa de lucros e dividendos de empresas estrangeiras aqui instaladas e operações de amortizações da dívida com organismos oficiais e multilaterais. A estimativa é do Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Para obter os US\$ 18,4 bilhões que serão pagos aos credores estrangeiros, o País é obrigado a produzir o terceiro maior saldo comercial do mundo (superado apenas pelos do Japão e Alemanha Ocidental). É que este ano o ingresso de dinheiro estrangeiro no Brasil está muito reduzido, porque os bancos bloquearam a concessão de empréstimos e os investimentos novos são praticamente inexistentes.

## CONTROLAR O SALDO

Assessor do ex-ministro Dilson Funaro para assuntos da dívida externa e chefe do Centro de Estudos Monetários da FGV, o economista Paulo Nogueira Batista Júnior lembra que "o extraordinário saldo comercial do Brasil não é usado em benefício de seu desenvolvimento". Até o mês passado, o superávit já somava US\$ 7,021 bilhões mas o go-

## As contas de 1989

*Principais itens do balanço de pagamentos (em US\$ bilhões)*



Saldo da balança comercial	17,6
Pagamento dos juros da dívida	-10,5
Remessa de lucros e dividendos	-2,2
Amortização da dívida	-5,7
Saldo do balanço de pagamentos	0

*Fonte: Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional do IBRE/FGV*

PAULO NILSON

verno tem manifestado a intenção de contê-lo, no final do ano, em US\$ 16 bilhões. Com esse propósito, deixou a taxa de câmbio congelada por mais tempo do que os outros preços da economia e só agora decidiu reajustá-la diariamente. Nem assim as exportações caíram e a tendência é de se obter um saldo comercial de US\$ 18 bilhões a US\$ 19 bilhões.

Se isso realmente ocorrer — na visão de Nogueira Batista — o País equilibra seu balanço de pagamentos este ano e mantém as reservas cambiais no mesmo nível de US\$ 5,359 bilhões com que fechou o ano passado. Mas se o superávit ficar abaixo disso ou em torno de US\$ 16 bilhões como quer a Cacex, o País será obrigado a reduzir suas reservas para US\$ 3,359 bilhões, muito próximo aos US\$ 3,3 bilhões de fevereiro de

1987 quando o presidente José Sarney decretou a moratória.

Porém, os pagamentos externos que o Brasil fará este ano são demasiadamente elevados. Só de juros da dívida o País vai gastar US\$ 10,5 bilhões e em setembro haverá uma concentração desses pagamentos, que obrigará a um dispêndio de divisas de quase US\$ 3 bilhões de uma só vez. Além disso, as empresas estrangeiras devem remeter US\$ 2,2 bilhões entre lucros e dividendos às suas matrizes no exterior e mais US\$ 5,7 bilhões irão para os cofres de organismos oficiais e multilaterais (Banco Mundial, FMI, Fundo Nakasone etc) por conta de amortizações.

Mais informações sobre a dívida externa do País na página 4